

Estórias com História

Estórias pessoais cruzadas com a História (1974-2012)

António F. T. Castro

novembro 2023

Estórias com História

Editor e Autor: António Ferreira Tavares de Castro

ISBN: 9789403719443

Título: Estórias com História

Suporte: impresso

Formato: Livro de bolso

Capa: Autor

Contacto: aftcastro@hotmail.com

Índice

	Página
Dedicatória	5
Prefácio	7
Os anos de brasa	13
A Federação e a “normalização”	55
Os anos da DGOA	69
Os anos de Macau	83
Direção e Chefia intermédia	133
Direção de topo	151
O crepúsculo e a aurora boreal	171
Tributo final	181
Notas	185
Bibliografia	186

Estórias com História

Dedicatória

Este livro é dedicado às pessoas com quem, ao longo dos largos anos de vida, me cruzei e que, de algum modo, deixaram uma marca impressiva em mim. Quase sempre, pelas melhores razões. Se nem sempre, é porque a vida, ou o momento, não deixou que fosse de outro modo.

Pessoas vivas são aqui referenciadas pelo nome próprio ou pelo nome e uma inicial do apelido, para que se distingam, ou apenas pelo diminutivo que sempre me consentiram. Esta opção tem dois objetivos: não as tendo consultado para perguntar se me permitiam contar as nossas estórias, não ficam assim involuntariamente tão expostas; por outro lado, ao referenciá-las aqui, presto um tributo por terem tocado a minha vida, e isso elas saberão porque se reconhecerão na narrativa e no seu nome próprio.

Pessoas já desaparecidas - e já são tantas! - são referidas com nome e apelido. Não podendo os próprios rever-se no que fica escrito, outros que partilharam as vidas deles como eu, creio que os recordarão em maior plenitude. Será a minha homenagem póstuma.

Também uso o nome e apelido quando me refiro a pessoas públicas, ou cujas estórias aqui partilhadas foram apoiadas em documentos públicos ou publicados.

Nas situações mais recentes, ou mais contundentes, a opção foi a de não identificar pessoalmente os intervenientes.

Estórias com História

PREFÁCIO

À PROCURA DA FORMA...

Permita-se-me, antes do mais, clarificar (?) o que creio serem estas estórias.

São, naturalmente, memórias, “histórias” autobiográficas.

Mas preferiria que as vissem como um híbrido de “Crónicas-Contos”: são, geralmente, curtas e baseadas em situações vividas por mim seguindo uma linha mais ou menos cronológica (o lado “Crónica”), mas por vezes deixam uma impressão de serem peças ficcionadas (o lado “Conto”).

Ora, este detalhe é determinante na apreensão destas estórias: se parecem ficção, elas são-no apenas pelo ângulo da abordagem. E nisso este livro se afasta da agora designada “autoficção”: a narrativa que vos é apresentada é biográfica e os factos correspondem à realidade, ainda que, certos episódios, possam não o parecer pela forma como são descritos.

E cabe aqui outro enquadramento. Embora só depois dos trinta anos viesse a encontrar a formulação teórica explicativa, toda a minha vida pratiquei o “Lateral Thinking” (“New Think”; Edward de Bono, 1967), que é mais que uma mera abordagem de resolução de problemas. O “pensamento lateral” centra-se na proposta de soluções criativas, na procura de ideias inovadoras, por vezes muito pouco evidentes para quem costuma “atacar” os problemas de forma meramente lógica. A chave da resposta pode estar alojada nos elementos secundários - laterais - no que parecendo não essencial, é, muitas vezes, o

determinante para encontrar a solução não óbvia para os problemas. Hoje, a expressão “pensamento fora da caixa”, tão banalizada, corresponde, de certo modo, a essa corrente metodológica.

Também António Damásio alertou, há mais de vinte e cinco anos (“O Erro de Descartes”; 1995), para a relação entre sentimento e razão, contrapondo a Descartes “*que só pensamos na medida em que existimos*” (pág.254). Vários outros, oriundos da Psicologia, reconheceram a importância da *Inteligência Emocional*, salientando que a capacidade de lidar com as emoções é mais importante que a competência para processar as informações. Todos são coadjuvantes, em meu entender, na valorização do lado emocional do indivíduo, no trabalho, no grupo, na vida, enfim, na nossa existência.

O que espero ter conseguido nestes textos é passar a minha visão lateral e emotiva das situações vividas, mostrando uma quase realidade paralela onde, não raro, se alojam os aspetos mais suculentos, os que mais me importam, os que geralmente ficam por contar e, contudo, os que empurram a História sem que se saiba.

RETOMANDO O “FIO DA HISTÓRIA”

Aqui retomo, e dou sequência, às minhas “**Histórias de Crescer**” que constituíram o meu primeiro livro publicado (Edição do Autor, abril 2022), e que deixei suspensas algures no ano de 1975, aos meus 24 anos, quando, quase um ano após ter acabado o curso, esperava ainda por dar início a uma vida autónoma. Esse momento fraturante justificava a mudança do paradigma que servira de enquadramento àquelas histórias de uma criança a tornar-se adulto.

Os olhos que viram e descreveram o universo da infância e juventude já não são os mesmos que se propõem mostrar este homem no dealbar da sua vida independente, procurando entrar no mercado de trabalho enquanto a sociedade portuguesa atravessava a maior transformação social e política em várias décadas.

Mas as fronteiras do crescimento pessoal não são estanques, nem no tempo, nem no espaço. Precisarei, por isso, de recuar um ano para (re)contextualizar melhor estas, que agora, se poderiam também designar por “Histórias de Crescido”.

Em 1974 estava ainda a viver na “Quinta”, melhor diria, junto à “Fábrica” em Telheiras, numa pequena casa confinante com a empresa do meu pai. Eu tornara-me sócio da empresa uns anos antes, através da “compra” à minha avó, mãe e tio da quota herdada após a morte do meu avô no valor de 100\$00. Por essa altura, a quota era insignificante, pouco mais de 0,6%, mas foi-se alterando através de imposições da minha mãe para continuar a prestar avales à firma. Em 1972 passei a deter 10%.

1974 era um ano destinado a ser de fim daquele ciclo. Tudo correndo bem, eu acabaria o curso de Finanças a meio do ano, encontraria um emprego antes do final do ano, e casaria com a Cristina que já estava a trabalhar.

Eventualmente, poderia até ir trabalhar com o meu pai. Era uma situação ensaiada uma ou duas vezes antes, com péssimos resultados. Logo no 1.º ano da Faculdade, após uns dias de trabalho, acabei despedido e posto fora de casa. Embora só o primeiro “decreto” tenha entrado em vigor, ficou-me a lição de que havia grandes riscos envolvidos em estruturar uma existência independente a trabalhar com aquele “sócio maioritário”. Pelo menos naquela altura.

Estórias com História

Ora, todos sabemos que o ano de 1974 veio a ser marcado por profundas mudanças. Como a larga maioria, rejubilei com o fim do regime do Estado Novo e antevi avanços sociais que colocariam o meu país ao nível daqueles para onde eu me deslocava todos os anos.

Porém, a nível pessoal, as expectativas de encontrar emprego foram congeladas. Por mais esforços que empreendesse, só via objeções por não ter prestado o serviço militar, ou por qualquer outro motivo. Eu devo ter inventado a procura ativa de emprego, por essa altura. Cheguei a contar mais de oitenta candidaturas entregues, no total. A ausência de resposta era o tratamento mais comum. A espera iria durar quase um ano.

O ponto de partida é, pois, um período em que a história do nosso futuro estava a ser alicerçada, mas, aparentemente, sem planos definitivos. Os acontecimentos sucediam-se a velocidades, hoje, inimagináveis para os que não os viveram. Em cerca de um no e meio houve, pelo menos, cinco tentativas de golpe. Depois do fracassado Golpe das Caldas de março de 1974, houve o bem-sucedido movimento revolucionário de 25 de Abril, verdadeiramente consagrado no 1.º de Maio, logo a seguir. Mas, a 28 de setembro, há uma tentativa de fazer marchar sobre Lisboa “uma maioria silenciosa” de supostos descontentes que, afinal, não vêm. Nada que impedisse uma parte dos seus mentores de voltar à carga, desta vez envolvendo parte das Forças Armadas, no *11 de Março* de 1975. Por fim, Eanes, no *25 de Novembro*, dá uma machadada nos chamados aventureirismos que tinham posto em ebulição aquele “verão quente”.

Não haveria como contar as minhas estórias sem as entrelaçar com esta realidade conturbada. Por isso a revisito e reavivo em função do maior ou menor impacto que em mim tiveram. Daí o título de **“Estórias com História”**. E creio que fará bem a quem me ler, rever, a

esta distância, o que ficou daqueles tempos, numa leitura que cruza opiniões de múltiplos quadrantes, porque a realidade não tem leituras únicas. Se a vitalidade da democracia tem de ser testada todos os dias para que não esmoreça, este será o meu contributo, hoje.

Inevitavelmente, há um período sobre Macau, onde vivemos quatro anos. Aí dou relevo aos matizes daquele microcosmo, num período em que os destinos do território estavam a ser definidos.

A cronologia segue o percurso profissional de 37 anos de atividade (dos 25 aos, quase, 62 anos). A vida profissional condicionava a disponibilidade para a vida de relação, para os amigos, para o lazer, as leituras e as viagens, até para o acompanhamento dos filhos.

Mas essa é apenas a espinha dorsal; daí parto para as outras histórias, e para a História que serviu de pano de fundo às nossas vidas, desde o meio da década de 1970 até ao ano 2012.

Não sendo especialista de algumas das matérias que precisei de abordar, socorri-me de fontes, de dados e obras que estão referenciadas no final.

Esta narrativa é também sobre a empatia que deve reger a nossa relação com o outro. Se nem sempre o consegui, é porque a vida não é só a subir ou a descer, e o processo é uma aprendizagem contínua. Se há relatos que podem surpreender ou trazer revelações, é porque os ecos, às vezes, se sobrepõem ao som. Mas, nestes casos, se o que ficou pode não ser toda a verdade, será, porém, a verdade que em mim ficou.

Cascais julho 2023

Estórias com História

António F. T. Castro

Os anos de brasa⁽¹⁾

1974-1975

Estórias com História

A FILA DA GASOLINA, E NÃO SÓ

Em janeiro e fevereiro de 1974, uma das ocupações que dominavam o nosso quotidiano era a procura de gasolina nas bombas de abastecimento. No dia 1 de fevereiro, que não terá sido atípico, saí de Económicas depois de uma aula, pelas dez e meia, para ir procurar gasolina. Estive até às treze em duas filas, mas a gasolina acabou antes da minha vez. Consegui que me emprestassem um pouco de gasolina e lá fui depois de almoço para nova expedição. Depois de outras duas filas onde não consegui ser abastecido, pelas sete e meia da noite, finalmente enchi o depósito em Caxias.

Dois dias depois, a gasolina aumentou de novo. A Super (que em outubro de 1973 custava 5\$50), passou de 7\$50 para 11\$00 – uma duplicação em cerca de quatro meses! Creio que ainda chegou aos 12\$00, mas depois só terá havido novo aumento em 1976.

Pela primeira vez, no meu tempo de vida, deparava-me com uma situação em que os preços subiam constantemente, na alimentação, vestuário e calçado, nas comunicações e nos transportes. Eram tempos em que a Inflação corroía todo o nosso modo de vida. E, vinha para ficar. De 1972 a 1986, todos os anos, os preços iam subir no mínimo 11%, permanecendo em valores acima dos 20%, em anos consecutivos, para chegar aos 28,5%, em 1984.

Veja-se os valores concretos de 1979 a 1985: 21.7% (1979), 16.1% (80); 19.2% (81); 21.5% (82); 24% (83); 28.5% (84) e 19.5% (85).

Estes valores acumulados representam um aumento dos preços de cerca de 3,3 vezes, isto é: para comprar, em 1985, um bem que custasse 100\$00 em 1979, seria preciso gastar 330\$00.

UM DESENCONTRO

Hoje torna-se difícil lembrar, até aos que viveram aqueles tempos, ou explicar a quem é mais novo, o que podia ser um pequeno desencontro entre duas pessoas. Primeiro fator crítico: as linhas telefónicas (fixas, claro!) nem sempre estavam disponíveis. As quebras da rede elétrica afetavam as comunicações (como hoje só raramente acontece), para além dos acidentes que levavam ao corte dos cabos da rede telefónica - os vendavais, as quedas de ramos sobre os fios, a queda dos postes. Segundo fator: a operacionalidade era deficiente e para isso basta lembrar que, no princípio da década de setenta, em localidades tão próximas de Lisboa como Albarraque, para se ligar para a Capital a cerca de 20 quilómetros, era necessário pedir a uma operadora (a *menina dos telefones*) para fazer a ligação para o número “tal” e esperar que ela ligasse de volta. Terceiro fator: as cabines públicas, embora existissem em número razoável nas ruas, em alguns estabelecimentos e estações, estavam geralmente em muito mau estado. Só funcionavam com moedas (o primeiro cartão telefónico público só terá surgido em Itália em 1976), mas sendo uma rede fixa, apenas dava para encontrar a pessoa se estivesse em casa ou no emprego, claro!

Dito isto, deixem-me exemplificar: num domingo de fevereiro de 1974, quis combinar com a Cristina encontrar-me depois de ela ir a uma aula extra que ia ter perto do Largo de Camões. Quis, mas não havia telefones logo de manhã. Fui pedir à Clínica Psiquiátrica das freiras nossas vizinhas que me deixaram ligar. Confirmado o encontro, pelo meio-dia, lá fui. Esperei até à uma e um quarto. Perguntei se havia ainda aulas a funcionar, disseram que não. Resolvi ir até à Estação do Cais de Sodré não fosse ela estar ali à espera. Tentei telefonar para casa dela, mas não tinha moedas e não consegui trocar dinheiro. Voltei ao local combinado. Entretanto ela apareceu. A aula tinha-se prolongado.

Os desencontros fazem parte da vida, claro! Mas, num tempo em que nos sentimos desprotegidos ou perdidos se nos falta o telemóvel, imagine-se o que era o desencontro de duas pessoas que compareciam no local combinado, mas que entenderam de modo diferente o ponto de encontro, por exemplo, qual a saída de uma estação de Metro ou a porta de uma estação de comboios.

Por isso, agradeçamos às tecnologias, com ou sem georreferenciação. A qualquer momento, ter um telefone à mão - na mão -, que nos permite ligar a qualquer pessoa, em qualquer lugar, é uma prestimosa ferramenta do dia-a-dia.

AULAS SIM; AULAS NÃO

No meu primeiro ano de Faculdade – ainda no ISCEF (Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras) – em 1969, os ventos do “*Maio de '68*” começaram a fazer sentir-se, levando ao questionamento, primeiro, e depois à contestação.

Questionavam-se os conteúdos e os métodos de ensino: estava a Universidade a preparar servos do Capital ou trabalhadores conscientes? A Matemática era uma ferramenta necessária ou, antes, um instrumento para afastar os menos favorecidos do acesso ao ensino? Porque é que o Marxismo era apenas estudado brevemente numa cadeira do quinto ano?

Os *velhos* catedráticos, por exemplo aqueles que já tinham o quadro totalmente preenchido de fórmulas quando nós entrávamos na aula, foram afastados. E, com eles, foram banidos os exames de algumas cadeiras e tendencialmente substituídos por trabalhos de grupo com avaliação individual ou coletiva.

Tudo isto envolvia um processo de contestação e luta, frequentemente com greves que paravam a escola, por vezes durante meses.

Chegado ao meu quinto e último ano do curso de Finanças, no que, entretanto, se passara a designar por ISE (Instituto Superior de Economia), havia um padrão: se hoje há aulas, amanhã não sabemos. Na verdade, eram mais os dias sem aulas. Os trabalhos de fim de curso que tínhamos de apresentar eram feitos em casa, na Biblioteca (se estivesse aberta), na Gulbenkian, no INE ou num qualquer café.

Mas, em março de 1974, piorou. O episódio de dia 26 - em que o Diretor Gonçalves Proença desatou a fotografar alunos que arrombaram uma sala para poder fazer uma reunião que não lhes tinha sido facultada, acabando em apedrejamento ao seu secretário e a vinda da Polícia de Choque - foi o culminar.

Aproveitei a folga de tempo devida ao fecho do ISE para iniciar o estudo da empresa do meu pai. Era um treino de Análise Financeira que eu esperava me desse o conhecimento do valor dela. E que também me permitisse, talvez finalmente, que ele me aceitasse na empresa. Ao segundo dia, pedi elementos ao contabilista para a minha análise. Depois de me tirar algumas dúvidas, desaconselhou-me a que continuasse, pois os dados estavam francamente falseados. Ainda assim, em conversa com o meu pai e sem adiantar aquele conhecimento, chegámos a acordo que eu deveria continuar a trabalhar e que ele me pagaria ordenado. Era a segunda tentativa.

Assim, a 25 de abril, eu tinha um (quase) emprego há uma semana. O ISE continuava ainda fechado. Aproximava-se o final do curso, sem aulas e sem avaliações definidas. Íamos executando os trabalhos de cada cadeira sem nenhuma certeza da sua discussão/avaliação. Só cerca de um mês depois foram retomadas as aulas e se iniciou a entrega dos trabalhos.

A 25 de julho fiz a última avaliação e concluí a licenciatura.

O NOSSO 25 DE ABRIL

Pelas sete e meia da manhã, fui acordado pelo meu pai dizendo que havia um Golpe de Estado feito pelas Forças Armadas. Poucos trabalhadores tinham vindo por não conseguirem atravessar a Pontinha para chegar à Fábrica, em Telheiras. Havia fortes restrições e controlos das passagens já que ali se localizava o Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas (MFA). A rádio também começou a emitir comunicados assinados pelo MFA. Apercebendo-me do momento histórico único que se vivia, e estando longe do centro da cidade, restou-me ficar colado ao rádio a gravar os consecutivos comunicados.

O meu enorme entusiasmo era, ainda, refreado pelo desconhecimento da verdadeira natureza do movimento e pela memória do recente fracasso do Golpe de 16 de março (Golpe das Caldas). Mais para o final do dia, com a rendição de Marcelo Caetano, comecei a acreditar que o Movimento iria triunfar. No dia seguinte já não fiquei em casa. Na Baixa, as multidões estavam exuberantes, apesar do evidente aparato militar, em particular devido à resistência oferecida pelos agentes da PIDE/DGS. Mais à frente, assistimos à destruição dos carros do jornal “Época” e a correrias atrás de supostos Pides que não vislumbrámos. Entretanto, foi dado a conhecer a composição e o Programa da Junta de Salvação Nacional. Ficava o compromisso de, no prazo de um mês, nomear um Governo Provisório para preparar a democracia e criar as infraestruturas indispensáveis.

Ao fim do dia 26, tencionava voltar à Baixa com a Cristina, mas ela telefonou a dizer que havia tiros e que ia para casa.